



A onça-gato, quimera da quarentena

Ana Lucia Lucas Martins¹

Resumo: O cotidiano do novo “isolamento social” é relatado neste ensaio de modo a construir uma narrativa que expressa uma sociabilidade que se marca por um dentro-fora produzido pela rotina da experiência da quarentena. À rotina é imposta a mediação de dispositivos tecnológicos para lidar com a realidade criada pela necessidade de conter o contágio pelo vírus. A evolução do ensaio encontra questões que atravessam o fazer sociológico.

Palavras-Chave: Quarentena. Vírus. Cotidiano. Tecnologias. Sociologia.

The cat jaguar, quarantine chimera

Abstract: The daily life of the new “social isolation” is reported in this essay in order to build a narrative that expresses different moments of sociability that has as its mark an inside-out produced by the routine of the quarantine experience. The mediation of technological devices is imposed on the routine to deal with a reality created by the need to contain the contagion by the virus. The evolution of the essay finds questions that go through sociological doing.

Keywords: Quarantine. Virus. Daily life. Technology. Sociology.

Este ensaio é um relato pessoal, mas escrito com a intenção de deixar aparecer um dentro-fora que vem constituir um cotidiano inventado por uma situação social inusitada, a quarentena imposta como segurança sanitária pelo contágio de um vírus que resultou numa escala pandêmica atingindo grande parte das regiões do mundo.

A imagem

A motivação deste relato teve origem num fato inesperado, a circulação de um vídeo nas redes sociais (*Facebook, Instagram, WhatsApp*) quando a quarentena alcançava seu segundo mês. A imagem mostrava um mamífero andando sobre uma grande rocha com cobertura de vegetação no seu cume, identificada como o Morro do Pasmado na Zona Sul do Rio de Janeiro. Ao me deparar com a imagem fui capturada por uma janela para fora, a paisagem

¹ Doutora em Sociologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professora Associada da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Rio de Janeiro, RJ. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0226-8807>. E-mail: martins.allu@gmail.com.



natural e uma “onça-parda” que atravessava a rocha íngreme com desenvoltura e oferecia seus movimentos para contemplação. Compartilhei nas minhas páginas a cena que me deslumbrou. A postagem e comentários para amigos, grupos de *zap* e familiares ocupou uma parte da tarde e gerou em todos uma perplexidade momentânea até que uma pergunta me retira do encantamento. A região parece pequena para abrigar uma onça, “onça vive em território amplo”. Entra no debate biólogos amigos e a imagem recebe um veredicto, o mamífero não seria uma onça-parda, mas um grande gato doméstico *habitué* do lugar. Este intervalo vivido, da *fake news* da natureza selvagem à natureza domesticada, numa tarde melancólica, funcionou como uma epifania da experiência da quarentena no desejo de partilhar da liberdade da vida natural evocados nos imaginários com a desaceleração do movimento da vida social. A liberdade sugerida pela cena da natureza contrastava com os dias confinados que avançavam. O resíduo dessa experiência permitiu esse ensaio. O dentro para onde a vida se voltara precisava ser visto, descrito, como uma inquietação que vislumbrasse um fazer sociológico, um artesanato, sobre a rotina, a repetição, e quem sabe com um novo que se apresenta.

Figura 1



Fonte: rede social *Facebook*, 2020.

O relato

A quarentena adentra seus cinquenta dias. É difícil narrar o que se passa desde que a vida desativou um modo e instalou do dia para a noite outra inserção no mundo. O recolhimento em casa e um turbilhão de sentimentos foram dois atos simultâneos que exigiram pisar em ovos. Os sinais surgiam. No dia onze de março saí preocupada de um Fórum sobre fotografia no século XIX, éramos muitos numa sala de cinema fechada no Instituto Moreira Salles. Na mesma semana um banco com um vidro de álcool gel ocupava o centro da sala de espera da análise. Eu já estava de máscara. Troquei em casa as toalhas



de rosto do banheiro por uma papelreira instalada por mim, e registrei o feito, afinal pela primeira vez dei conta de usar uma furadeira de parede. A cada saída à rua espreitava! as pessoas, o entra e sai das lojas, supermercado e decidia como fazer a compra de alimento, de álcool gel que escasseava, quase uma raridade, de álcool 70, salvei um litro numa loja de material de limpeza recém inaugurada numa rua próxima e com ele me mantive segura até encontrar novos fornecedores. Os fregueses do vendedor de churros da esquina sumiram, o vi ali, sentado, olhando para algum lugar distante, parecia perdido. O vendedor de quentinha para trabalhadores mirava o celular e a rua como se quisesse produzir alguma compreensão pelo súbito desaparecimento do movimento. A suspensão das aulas foi o alerta nessa semana que estava por terminar. Todas as atividades suspensas, canceladas, o trabalho na Universidade, a análise, a próxima sessão seria virtual, e restava a minha filha adolescente voltar para casa. Estava abrigada em casa de amigas e amigos, circularam pela moradia um dos outros por três ou quatro dias após o encerramento das aulas, tempo para se apropriar da ideia de que deixaria os amigos, os passeios, a escola, as festas e se isolaria em casa com a mãe e as aulas seriam virtuais. Um choque!

Portas fechadas o modo de vida *zap* foi acionado. Quem fornece o quê? Os dias consumidos nas trocas de informações e buscas de telefones de locais de fornecedores de alimentos, produtos de limpeza, assegurar os remédios de uso contínuo por um tempo maior, e conhecer protocolos de limpeza e proteção ao vírus. Uma rotina insana se instalou, lavar, cozinhar, criar uma logística que parecia não ter fim, como receber o que chegava de fora, desinfetar, guardar. Estava quase maníaca por sustentar que tudo estaria bem, fiquei numa exaustão física e emocional. Pertencço ao chamado “grupo de risco” e se fosse contaminada, como fazer? Sou eu e minha filha. Overdose de angústia. Acordei com a lembrança de uma tia-avó, querida, com quem pouco convivi e que deixou imagem curiosa na família. Tinha um excesso de zelo por si estava sempre arrumada, vaidosa, uma pessoa agradável e divertida, todas as vezes que a encontrei era uma alegria, unhas feitas, cabelos penteados, roupas íntegras, lençinho no pescoço um *savoir-faire* muito próprio, parecia sempre sonhar com algo. Evocava um personagem de filme antigo, moradora elegante do subúrbio do Rio de Janeiro, Brás de Pina, e jamais esqueço um almoço na sua casa que fui com minha mãe, eu era criança. Cabritos na rua, almoço delicioso, uma tarde de subúrbio e acabei apresentada àquilo que fez a fama de excêntrica da minha tia-avó. Ela tinha um toc, tudo era limpo com água fervida. Ficamos lá olhando, meio incrédulas, minha mãe e eu, a tia ferver as águas e enxaguar chão, paredes, louças, com água fervente, não suportava a ideia de micróbios frequentarem a sua cozinha. Viveu até os cento e dois anos. Certamente a minha fúria atual nesta quarentena contra qualquer possibilidade de contaminação talvez estivesse ancorada naquele olhar perplexo que um dia dirigi à querida tia.

Início a análise *online*, puro estranhamento, o que aconteceria com o



inconsciente? Parecia impensável interagir dessa maneira depois de anos de divã. Faço a sessão sentada na cadeira que pego sol à janela olhando para uma gravura de um artista espanhol que tenho pendurada na parede. Sonho que estava sentada lado a lado com o analista, ao sol na janela, na cadeira de palha de Bali. Aceitei o sonho como uma transferência em atividade. Melhor.

O isolamento social é um modo de nomear um novo tempo da vida social. Coloquei em prática uma rotina antivírus, tudo parecia sobre controle depois do primeiro desafio de receber compras do supermercado. Conversas com amigas, amigos e a chamada com a família no domingo pelo *Face-Time!* Estávamos todos no mesmo barco. Como navegar nesse barco? Exercícios respiratórios ocupou-me de imediato os pensamentos, com a natação e hidroginástica suspensa onde ancorar o meu corpo? Precisava de um corpo para caber tanto impacto. O vírus, uma fita de RNA (ácido ribonucleico) envolvida numa capa de proteína, penetra pelas vias aéreas superiores, produz uma “tempestade de citocinas” e é altamente infectante, o estrago nos pulmões pode ser fatal. Vaguei pela rede social em busca de alguma coisa que pudesse responder à minha aflição. Encontro no *facebook* uma prestigiada coreógrafa que oferece duas semanas de aulas como uma dádiva para si e o seu público, embarco nos movimentos adoráveis, o que fazer quando ela encerrar seu gesto dadivoso? Cai no meu *feed* de *Instagram* uma chamada para yoga, Yoga na Maré. Fui levada pelo nome e acho a ancoragem para meu corpo, estava tudo ali, era para iniciantes, ensina a respirar, havia frequentadores na sala virtual, e a partilha com um projeto de inclusão com a Favela da Maré na cidade do Rio de Janeiro. Incluí nas práticas meu mantra, de certo modo subutilizado, adquirido ao final dos anos 70 para meditação. Aprendi a meditar eu tinha dezessete anos, com o grupo que divulgava os ensinamentos da meditação transcendental do Maharishi Mahesh Yogi aquele que havia iniciado os Beatles. Recebi o mantra oferecido por duas mulheres ocidentais com véus indianos numa singela cerimônia individual, lembro que havia frutas numa mesa e uma difusa luz aconchegante. O mantra é uma palavra que não devo revelar a outra pessoa, “é seu mantra”, assim me disseram, e se inscreveu no meu cérebro como uma marca, registro que nunca esqueci. Respira, respira, respira.

O cotidiano é inventado dia a dia em meio à dinâmica do vírus, à dinâmica da política, à dinâmica da economia. O país está conturbado, em conflito, uma força política suicida toma conta da Nação. Não nos vemos como nação, a ideia das três raças que um dia construiu uma narrativa identitária sobre a Nação foi-se nos últimos anos, somos um país com pobreza à luz do dia como nunca vista, a pandemia escancarou a janela da miséria, da desigualdade social, foi um encontro com nós mesmos. Não há água para lavar as mãos. Água e sabão são os bens de primeira necessidade para desinfecção. Não há água, saneamento, emprego, comida. O Brasil tem uma enorme população que vive do trabalho informal caracterizado pela mobilidade e precisava parar. Uma gigantesca fresta se abre, o muito a fazer vem de grupos de voluntários, auto-



organizações nas favelas, associações da sociedade civil, doações pelas redes virtuais. O debate público significativo ocorre com as instituições de pesquisa científica num contexto de ações de governos locais pouco coordenadas. Há escárnio governamental diário para lidar com a segurança sanitária, as políticas do governo central são precárias diante da desorganização que a pandemia causa num país já desmontado nas suas políticas sociais e fracassado ao lidar com a crise econômica. É o governo errado na hora errada.

Coisas diferentes acontecem no isolamento social, a vida se recolhe para olhar tudo de perto. Passou na minha cabeça a experiência que vivi quando escrevia a tese de doutorado, sobre representações de pobreza urbana no cinema brasileiro, e fui morar fora do Rio de Janeiro por três meses perto de uma floresta e cachoeiras no alto de um vale em Boa Esperança, região de Nova Friburgo, sem luz elétrica e descobrir que a vida era feita de outras escalas, outros sons, outros cheiros, outros modos, um desdobramento. A vizinhança com pequenos agricultores plantadores de inhame redimensionava meu tempo e espaço social. Acho que essa experiência serviu para descortinar um bem estar na aflição pandêmica. Trabalho, ócio, atividades domésticas, redefinir planos, expectativas, ansiedade que vem e vai, medo, o laço com a filha, o excesso de comunicação, a falta de comunicação, os silêncios, as pausas no espaço doméstico, os desaparecimentos estratégicos no quarto, é preciso aprender para estar junto nestas condições e permutar nossos cômodos. Mexemos nas gavetas, arrumamos armários, abrimos arquivos de fotos e histórias, reencontramos saudades, insistimos numa partilha de tarefas, aprender a cuidar de si num momento de crise e da casa.

Ouçó e leio sobre um “novo normal” não sei que categoria é essa. Acho que não quero saber. Não tenho pressa em saber como será a vida pós-pandemia. Ela é agora. Mal dou conta dos intensos instantes do presente ao ritmo de uma curva epidemiológica que sobe e define o tempo do antes e depois da curva, ainda haverá um pico. Não há linha de fuga para o futuro, nem quero mais o “normal” do passado, havia isso? Soube na pandemia que vivia num normal, nada estava normal na nossa vida, nesta cidade, neste país. A indiferença com a desigualdade era normal? a vida cavada na herança do açoite era normal? Os assassinatos de jovens negros na cidade que habito estava normal? Algo disruptivo se postou antes do vírus. Resta fazer com que a vida fique um pouco mais anormal depois da pandemia. Talvez alguma consciência se inscreva e a normalidade seja desnaturalizada, um insight sociológico coletivo faria bem.

O tempo passa e a quarentena assume suas feições no dia a dia. Saídas cautelosas para passear a cachorra uma vez por semana, aos sábados, no alto da rua numa praça cercada de vegetação da Mata Atlântica, as entregas de alimento, produtos de higiene, as invenções culinárias, a entrada forte dos temperos indianos e asiáticos na alimentação, *curry*, gengibre, cúrcuma, páprica, misturada à nossa herança negra e índia, leite de coco, leite de castanha, peixe, a tapioca, o dia da feijoada, o desejo do bife sangrento



finalizado na manteiga, o *fish and chips*, o *guacamole*, a massa com molho de tomate, a preguiça de chegar na cozinha, o macarrão instantâneo da filha com a condição de fazer um tempero doméstico. O pão feito pela amiga que descobriu uma habilidade durante a pandemia chega na minha casa pelo mensageiro da *loggi* um “pão ostentação”, como ela chama, com gorgonzola e nozes. Preparar o próprio alimento todo dia, legumes, verduras, frutas, atenta para fortalecer a imunidade, buscar receitas na *Internet*, seguir o *Chick Corea* nas *lives* diárias ao entardecer, e o tempo passa. Uma incursão noturna no quarteirão de casa, a rua escura, silêncio atravessado pelos latidos dos cães quarentenados, adquire ares de conto noir, galões de lixo dos prédios enfileirados numa quantidade maior que a habitual escondem um homem de meia idade que vasculha os dejetos.

O mundo dos aplicativos e plataformas invade o cotidiano. Para quase tudo se baixa um aplicativo, tenho o registro da leitura que fiz com uma dose de dificuldade de alguns capítulos de um livro manifesto “*Gadget* você não é um aplicativo”, queria pensar impactos da tecnologia da realidade virtual na vida social com vistas a um curso na universidade no ano passado. O autor a partir de sua experiência, como crítico dos principais intelectuais do Vale do Silício nos anos 80, e das mudanças que a *World Wide Web* traria para a vida social, no comércio e na cultura, faz um alerta para a retórica anti-humana impregnada na cultura do Vale do Silício que faz as pessoas “serem obsoletas para que os computadores pareçam ser mais avançados” (LANIER, 2010, p.46). Vem à mente a fala do personagem Macunaíma, num vislumbre de estranhamento, no filme de Joaquim Pedro de Andrade em 1968, “já não sabia mais quem era máquina quem era gente na cidade”. Pesquiso e assisto filmes em plataformas de *streaming*, escolho plataformas de *web* conferência para atendimentos online de alunos, reuniões, *Zoom*, *Google Hangouts*, *Google Meet*, arquivo links e publicações de artigos nacionais e internacionais que abordam os efeitos da epidemia na vida social, exerço minha rotina e misturo trabalho e vida como observa Wright Mills (2000) sobre a condição do ofício do sociólogo. Estranho essa inserção social catapultada para a realidade virtual. A vida social na mutação das suas relações face a face encontra mediação para as relações num dispositivo tecnológico que traz o fora para dentro no isolamento social. A banda larga da casa já não atende aos novos usos, práticas, é necessário atualizar a velocidade da rede. Reconfigurar.

A universidade propõe novas diretrizes e inicia discussões para gerar uma política que se adeque às incertezas do momento. No período de isolamento social quer classificar as atividades acadêmicas como “trabalho remoto” e que apresentemos um “plano de ensino emergencial”. Percebo que uma mudança mais profunda começa a ser desenhada e pode reformular por completo nossa prática na formação universitária, em particular o ensino. O vírus antecipa várias casas de uma transformação que estava em curso que parecia mais orgânica embora com precariedades, a introdução de tecnologias



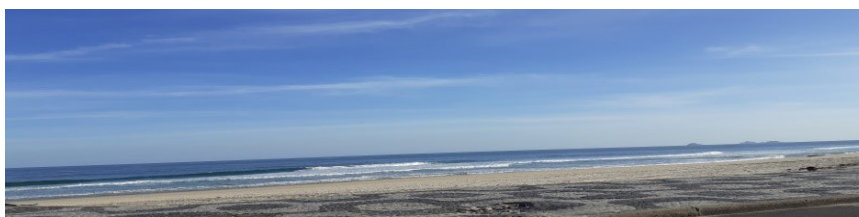
para aplicar na atividade docente o que é bem diferente do uso que faço com o audiovisual numa relação de prática de ensino com *interações face a face* e todos os seus ruídos e comunicações (GOFFMAN, 2011)

Mudanças na sala de aula podiam ser notadas a cada semestre. Num seminário em aula no último semestre antes da doença do Covid-19 os alunos e alunas portavam cada um seu celular pelo qual se orientavam com as leituras para exposição do tema. Nenhum papel, lápis, caneta, apenas *smartphone, tablet*. Percebo a cena como um registro etnográfico de um tempo que se anunciava por interações com dispositivos tecnológicos. Situação inquietante na quarentena com a (im)possível conversão das nossas relações de trabalho face a face para relações virtuais em escala ampla. Pergunto de que modo mudará nossa forma de produzir, organizar, armazenar, transmitir o conhecimento e como isso impacta na formação de jovens universitários? A quarentena exige lidar com os estranhamentos e convoca problemas novos para pensar as relações sociais.

Persiste a realidade dos mais vulneráveis. O vírus avança para as periferias, favelas, áreas com forte densidade populacional, encontra a pobreza, nas mídias de jornalismo noticiam o contágio e morte nas populações indígenas extremamente sensíveis. Saber de pessoas próximas queridas contaminadas, a recuperação, a listagem dos mortos pelo país, o indagar da história de cada um. Haverá um luto coletivo a ser vivido.

Setenta e cinco dias após o início do isolamento saio pela primeira vez com minha filha para um passeio de carro. Vou além do bairro em que moro com o objetivo de olhar o mar. Seguimos pela orla, estamos inseguras, o vibrátil da cidade não toca apesar do dia solar de outono e céu azul. O fora expressa um ambiente pestilento. As pessoas, as ruas, o uso da máscara. Do imenso horizonte azul de um mar calmo ficou o ruído do leve movimento das ondas na areia, estranhei, uma sensação de que o mar respirava. Pensei no artigo do Phillipe Descola (2020) publicado no *Le Monde* que tinha acabado de ler. Trafegando pela avenida da orla comentei sobre a ideia do Descola de nomear o capitalismo como o “vírus da natureza”, essa imagem se encaixou nas impressões que eu tive naquele momento do barulho do mar. Voltamos para casa, lavamos as máscaras e penduramos no varal. Quanto a quimera, segundo Jorge Luís Borges (1989), perdeu sua forma incoerente e restou a palavra, significa o “impossível”, ideia falsa”, “vã imaginação”.

Figura 2



Fonte: Arquivo pessoal- Ana Martins, 2020.



Referências bibliográficas

BORGES, JorgeLuís. **O Livro dos Seres Imaginários**. São Paulo. Editora Globo, 6ª ed. 1989.

DESCOLA, Phillipe. Nós nos tornamos vírus para o planeta, entrevista para o Jornal Le Monde. **Blog do Sociofilo**, 2020. [publicado em 29 de maio de 2020]. Disponível em: <https://blogdosociofilo.com/2020/05/29/notas-sobre-a-pandemia-nos-nos-tornamos-virus-para-o-planeta-entrevista-para-o-jornal-le-monde-por-philippe-descola-e-nicolas-truong>. Acesso em: 9 de jun. de 2020.

GOFFMAN, Erving. **Ritual de interação**: ensaios sobre o comportamento face a face. Petrópolis: Vozes, 2011.

LANIER, Janier. **Gadget**. Você não é um aplicativo! Um manifesto sobre como a tecnologia interage com nossa cultura. São Paulo. Saraiva, 2010.

MILLS, C. Wright. **The Sociological Imagination**. New York. Oxford University Press, 2000.

Como citar este artigo:

MARTINS, Ana Lucia Lucas. A onça-gato, quimera da quarentena. **Áskesis**, São Carlos, SP, v.9, n. Ed. Especial, p. 33-40, dez. 2020.

ISSN: 2238-3069

DOI: <https://doi.org/10.46269/9ee20.485>

Data de submissão do artigo: 09/06/2020

Data da decisão editorial: 17/08/2020